

# AS DOBRAS DE BÁRBARA

## Apontamentos acerca de conto de Murilo Rubião

Venus Brasileira Couy

*O oceano, pedaço de medo.*

Du Bartas

Alvo de estudiosos, como Davi Arrigucci Jr., Jorge Schwartz, Álvaro Lins, Eliane Zaguri e tantos outros, Murilo Rubião desafia e desconcerta curiosos e críticos. Como não cair no engodo da repetição, na qual diversas análises já foram realizadas vinculando a obra muriliana ao sobrenatural, ao insólito e ao fantástico? Como demarcar um “corpus”, se em “Bárbara” (RUBIÃO, 1993, p. 29-33), o corpo é amplamente exibido, avoluma-se e se agiganta, apresentando-se assustadoramente disforme?

A epígrafe que abre o conto anuncia e adverte o leitor sobre o temor e o perigo diante do extravio, no qual perder-se implicará habitar a terra dos gigantes: “o homem que se extraviar do caminho da doutrina terá por morada a assembleia dos gigantes”. (RUBIÃO, 1993, p. 29) Bárbara torna-se, então, a gigante invencível, que detém o poder e a autoridade em um território no qual o vazio, a ausência e a incomunicabilidade se fazem presentes.

Diante de um marido resignado, resta a Bárbara somente pedir. Diante da mulher, irredutível em seus desejos, autoritária nas suas demandas, cabe a ele apenas cumprir os seus pedidos, que são, sobretudo, ordens, mas que ainda assim criam o vínculo e a sobrevivência de Bárbara e de seu bom e fiel companheiro: “por mais absurdo que pareça, encontrava-me sempre disposto a lhe satisfazer os caprichos. Em troca de tão constante dedicação, dela recebi frouxa ternura e pedidos que se renovam continuamente”. (RUBIÃO, 1993, p. 29)

Os inúmeros pedidos que se sucediam provocavam um aumento incomensurável no corpo de Bárbara, ela “pedia e engordava”. O corpo de Bárbara hiperbolizado, inflado de insaciáveis desejos e de vazios ilimitados constitui-se na própria “radicalização do horror”, no qual o excesso bordado na adiposidade de seu corpo circunda a falta, o vazio, que não cessa de se apresentar e de se inscrever em cada grama, em cada quilo, em cada dobra que ia “se avolumando à medida que se ampliava a ambição”. (RUBIÃO, 1993, p. 29)

Bárbara e seu corpo, Bárbara e seus caprichos, Bárbara e suas estranhas manias. Desde a infância, ela é marcada pela diferença e pela estranheza: “Enquanto me perdurou a natural inconsequência da infância, não sofri com as suas esquisitices” (RUBIÃO, 1993, p. 29) Bárbara, a gigante insaciável, que na gula de seu olhar, tudo ver e tudo quer: “(...) muito tombo levei, subindo árvores, onde os olhos ávidos da minha companheira descobriam frutas sem sabor ou ninhos de passarinho” (RUBIÃO, 1993, p. 29). Há no conto várias referências ao olhar de Bárbara: poderoso, imperativo, mortífero: “vencia-me a insistência do seu olhar que transformava os mais insignificantes pedidos numa ordem formal” (RUBIÃO, 1993, p. 29).

Bárbara, medusa que petrifica os desejos, anula e apaga quem está à sua volta. Bárbara, Hércules às avessas, que impõe inúmeros trabalhos ao marido e compraz-se em vê-lo sofrer. Prazer perverso que a estranha gigante insiste em cultivar: “apanhei também algumas surras de meninos aos quais era obrigado a agredir unicamente para realizar um desejo de Bárbara. E se retornava com o rosto ferido se lhe tornava o contentamento” (RUBIÃO, 1993, p. 29-30).

A alegria de Bárbara, entretanto, seria interrompida diante de um novo acontecimento, o nascimento do filho: “Bárbara se refugiou num mutismo agressivo e se recusava a comer ou conversar comigo. Fugia à minha presença, escondendo-se no quintal e contaminava o ambiente com uma tristeza que me angustiava. Definhava-lhe o corpo, enquanto lhe crescia assustadoramente o ventre (...). o médico me tranquilizou. Aquela barriga imensa prenunciava apenas um filho” (RUBIÃO, 1993, p. 30).

À enormidade de Bárbara, com seus “seios volumosos e cheios de leite” contrapõe-se o filho “raquítico e feio, pesando um quilo”. Mãe e filho, ambos disformes: uma, ampliada e multiplicada pelo excesso, o outro, frágil e ínfimo, mutilado pela falta. No corpo da gigante Bárbara a fertilidade parece ser um engodo e se aproxima rapidamente da esterilidade, da negação da vida, da destruição, do aniquilamento, da morte. Como senhora absoluta de suas vontades e de seus desejos à Bárbara caberia somente rejeitar, banir e excluir o filho, visto que apenas se interessava por aquilo que havia escolhido: “desde os primeiros instantes, Bárbara o repeliu. Não por ser miúdo e disforme, mas apenas por não o ter encomendado” (RUBIÃO, 1993, p. 31).

Bárbara não encomendava filhos, mas, sim, mais e mais pedidos, instaurando uma curiosa correspondência entre o seu gigantismo e os objetos de desejo: um oceano, um baobá, um navio, marcados pela vastidão e pela amplitude: “pediu o oceano. Não fiz nenhuma objeção e embarquei no mesmo dia, iniciando uma longa viagem ao litoral. Mas, frente ao mar, atemorizei-me com o seu tamanho. Tive receio de que a minha esposa viesse a engordar em proporção ao pedido que lhe trouxe somente uma pequena garrafa contendo água do oceano (...) Quando

Bárbara se cansou da água do mar, pediu-me um baobá, plantado no terreno ao lado do nosso (...) Afetuosamente, chegou-se para mim, uma tarde, e me alisou os cabelos. Apanhado de surpresa, não atinei de imediato com o motivo do seu procedimento. Ela mesmo se encarregou de mostrar a razão – seria tão feliz, se possuísse um navio! ” (RUBIÃO, 1993, p. 30-2)

E haveria melhor lugar para a gigante Bárbara instalar a sua morada do que um navio? “Montado o barco, ela se transferiu para lá e não mais desceu à terra. Passava o dia e as noites no convés, inteiramente abstraída de tudo que não se relacionasse com a nau” (RUBIÃO, 1993, p. 30-2). À “insensata” Bárbara só restaria vagar pela sua nau? Talvez não seja por acaso que o seu último pedido tenha sido uma estrela: ínfima, minúscula, no entanto, capaz de reter e fixar a errante Bárbara: “vi Bárbara, uma noite, olhando fixamente o céu. Não lhe vira antes tão grave o rosto, tão fixo o olhar. Aquele seria o derradeiro pedido. Esperei que o fizesse. Ninguém mais a conteria. Mas, ao cabo de alguns minutos, respirei aliviado. Não pediu a lua, porém uma minúscula estrela, quase invisível ao seu lado. Fui buscá-la” (RUBIÃO, 1993, p. 33).

Desterritorializada, fantasmagórica, Bárbara, na busca incessante de preencher o vazio, só o reafirma, ainda que pela via do excesso, da exceção, da excentricidade, fora de todo centro, de toda referência. Guiada pela implacabilidade de sua vontade, Bárbara encontrará na pequenez de uma estrela abrigo para a enormidade de seu corpo e, sobretudo, de seus desejos.

## Referência

RUBIÃO, Murilo. Bárbara. In: \_\_\_\_. *O pirotécnico Zacarias*. 16 ed. Rio de Janeiro: Ática, 1993. p. 29-33.

## Venus Brasileira Couy

Doutora em Teoria da Literatura (UFRJ), com pós-doutorado em Literatura Comparada (UFRJ). Ensaísta e poeta, publicou, entre outros livros, *Inverno de Baunilha* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2004), *Mural dos nomes impróprios: ensaio sobre grafite de banheiro* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2005), *Do amor mais abrigado do vento* (Rio de Janeiro: Edições Magnólia, 2007) e *Belamimmim* (Rio de Janeiro: Edições Magnólia, 2012).